

CAPÍTULO III

QUANDO O DR. ALÍPIO saiu da Faculdade sobraçando a sua carta e com o indicador cingido pelo emblemático anel de brilhantes e rubi, sentia perfeitamente que não levava dali um cabedal de conhecimentos capazes de o imporem à estima dos homens cultos. Em compensação, levava um vistoso sortimento de retalhos de idéias, de noções apanhadas aqui e ali, o que lhe permitia fácil jornada na sociedade, onde aliás não se tem a obrigação de estar dando provas do seu saber, como na Faculdade; e se nesta conseguira “botar poeira nos olhos dos lentes, lá fora então. . . Quando alguns colegas criteriosos lhe aconselhavam que estudasse, ele redargüia com uma impudência risonha: — “Pra quê? meninos. Isto é o país da pomada! Com esta lingüinha e este jeitinho que vocês sabem, preciso lá estudar! Isto cá há de ser — patratá! patratá! patratá!”

E com essa onomatopéia queria representar o tropel das ordenanças de um ministro.

O tal “jeitinho” era o dom de insinuação que possuía Alípio, a ponto de, desde o segundo ano, conseguir ingresso nas melhores rodas do Recife, tendo sempre para as festas convites espontâneos ou arranjados por meio das boas relações que facilmente conquistava em todas as classes. Os companheiros de casa ficavam surpreendidos quando o viam enfiar a casaca para ir a tal baile ou tal banquete nas casas de gente rica e influente na política. Pessoas de distinção o saudavam e lhe falavam cordialmente na rua, nos espetáculos, nas corridas.

Enquanto se polia para atingir o seu ideal de homem fino, continuava a ser para os íntimos o boêmio desabusado, conhecido como discípulo amado do Brito, “o grande crônico” que levou doze anos a bacharelar-se, só o tendo feito quando a saúde começou a faltarlhe e já contava desembargadores entre os seus companheiros de matrícula. A sua inteligência apreensiva abrangia numa semana de aplicação, superficialmente embora, matérias que os outros levavam meses a assimilar, e a sua facúndia, a sua memória e presença de espírito faziam o resto.

Alípio confiava intimamente no seu destino, e por isso ia sacrificando um pouco dos seus cálculos ao temperamento, folgando quanto podia, gozando à larga a mocidade, que é

...como a flor de lótus,
Que em cem anos floresce apenas uma vez...

— segundo costumava declamar ao despertar alto dia de uma noite de patuscada. Então a quadra acadêmica, que era o meridiano des-

se dia do sol da existência... Ah! quem for bastante despido de ambição, bastante estóico, como o Brito, para prolongá-la por anos e anos, rebelde às importunas exigências da moral rotineira e do frio utilitarismo!

Sua índole exuberante comprazia-se nesse viver forte dos instintos, sem obrigações, sem disciplina, sem preconceitos; mas simultaneamente gerara-se-lhe no espírito uma dura razão egoística que lhe formara um subsolo moral, e a ambição germinara aí, medrara, crescera tornando cada vez mais a dominar toda a sua individualidade, ambição de fortuna, de gozos distintos, de predominância entre os homens. O sentimento enrijava-se, anquilosava-se, degenerando em indiferença para com os outros, em preocupação do bem-estar próprio, expurgando-o de todas “as pieguices da nociva educação cristã”. A um grupo de estudantes que o convidara para fundar um clube positivista, ele respondera troçando:

— Qual, rapaziada! não vai comigo esse puritanismo cívico do Sr. Comte, que, aliás, não tenho a honra de conhecer senão muito pela rama. Em todo o caso sei do positivismo o bastante para ver que não convém a um sujeito como eu — pagão vestido e habitado por uma alma nietzschiana. Gozar e subir, eis o meu fim; quanto aos meios, serão os que as circunstâncias ditarem.

Foi nestas disposições que se meteu a bordo do paquete com destino ao Ceará em visita ao tio e para vender algumas pequenas propriedades que lhe deixara o pai. Ao chegar à Fortaleza⁶, recebeu uma carta do tenente-coronel Francisco Herculano oferecendo-lhe a promotoria de Ipuçaba. Seria certa a recusa se com essa carta não recebesse outra do tio, pedindo com instância que aceitasse o cargo. Afinal isso lhe proporcionava um meio de passar algum tempo ao lado do pobre velho, que tanto lhe queria e a quem tanto devia; ao mesmo tempo, era-lhe agradável rever o sertão e teria ocasião de embolsar os primeiros proventos da sua atividade — sensação decerto curiosa para quem até então não fizera mais do que gastar o produto do trabalho alheio.

Mas ao tomar o trem na Fortaleza começou a experimentar previamente o aborrecimento daquele divórcio, provisório embora, da vida civilizada e a imaginar Ipuçaba como um lugarejo abominavelmente insípido, onde não lhe seria possível passar um mês sem sacrifício de todos os seus queridos hábitos mundanos: “só em literatura” admitia os encantos da rusticidade. Não fosse a obrigação devida ao tio, e do Recife teria seguido para o Rio ou S. Paulo, a fim

⁶ Como vemos notando o leitor, Antônio Sales apunha sinal de crase à preposição *a*, antes da palavra Fortaleza. Ligava o nome da capital cearense à fortificação de Nossa Senhora da Assunção em roda da qual girava a heróica e futura cidade.

de iniciar sem demora a execução dos seus planos de vida. Essas duas cidades lhe pareciam os únicos campos possíveis para lançar a semente do seu futuro. Isso de começar em meio modesto para transportar-se depois aos grandes centros era um processo bom para os timoratos e medíocres. As águias começam a voar do alto das montanhas.

A monotonia da viagem, a trepidação do carro, a poeira e o calor, a mesquinhez da paisagem e a vulgaridade dos passageiros, tudo concorria para agravar o seu tédio. Como não seria melhor ir naquele momento a bordo de um grande paquete, demandando uma grande capital, onde poderia talvez dentro de pouco tempo repetir a frase triunfante de César! E a saudade da boêmia acadêmica, essa saudade que o acompanhava nas férias e se tornava amarga nas férias eternas em que entrava agora, com a formatura, vinha também pungi-lo, enquanto o trem o arrastava para o primeiro e inglorio reencontro com a vida. O Brito costumava dizer: “A carta de bacharel é um mandado de despejo.”

Ele tivera às vezes ansiedade de chegar a esse momento para ajuizar ao certo de suas forças. Mas nem o teatro de uma cidade matuta lhe convinha, nem a natureza da estréia o entusiasmava. Detestava a magistratura. Que proveito lhe traria essa mofina investidura obrigada de todo bacharel novo quando só o tentavam o jornalismo, a política e a diplomacia?

Ora refletindo assim, ora lendo um livro de que se munira, chegou à tarde a Quixadá, empoeirado, moído, saturado de tédio até aos ossos.

Depois, porém, que montou a cavalo no dia seguinte e entrou a galopar através dos campos por onde as pompas do verde já se anunciavam pela folhagem nova das caatingas e pela babugem fina dos vargedos, começou o seu organismo a vibrar à ação estimulante do ar livre, seu espírito foi-se abrindo aos eflúvios capitosos das coisas, como se seu ser distendesse de repente uma raiz até então atrofiada e a mergulhasse com volúpia no seio da Natureza.

E naquela manhã, oito dias depois de sua chegada a Ipuçaba, examinando as suas impressões ainda flutuantes, Alípio sentia-se surpreso de não ter ainda experimentado o tédio que julgava iria sentir em tudo. Agora, contra os seus hábitos, acordava cedo para tomar leite num curral próximo — não sem que o tio o chamasse com insistência — e logo depois tomar banho no rio que, pela estação das chuvas, corria caudaloso por trás dos quintais do bairro da cidade, denominado por isso — Ribanceira.

Quando voltava desses banhos em comum com alguns rapazes da terra, tomava café com o tio, lia e fumava até a hora do almoço;

depois saía a pagar visitas e a palestrar com seus novos conhecidos, inclusive a professora a quem ia filar diariamente o café, ao meio-dia, hora em que a criançada estava em recreio no quintal. À tarde saía a passear a cavalo e de volta incorporava-se à roda do vigário, mais numerosa depois da sua chegada. O resto da noite era consagrado quase sempre ao coletor, a quem costumava acompanhar à casa, onde, não raro, se encontrava novamente com Bilinha.

Asclepiades concebera, como coisa que lhe parecia muito natural, a idéia de casar a filha com o bacharel. Ele sonhara sempre para Florzinha um marido que não fosse qualquer desses toscos rapazes de Ipuçaba, uns bichos bisonhos e lorças que não sabiam entrar num salão, nem sustentar uma conversação sem dizer parvoíces às mancheias. Já tivera idéia semelhante a respeito do bacharel Gomes da Costa — porque o coletor tinha a obsessão de ter um genro diplomado — mas esse era uma rapaz doente e esquisitão, que um mês depois de chegar a Ipuçaba pedira em casamento uma moça feia, filha de um fazendeiro, casara e metera-se na fazenda, de onde só saía quando tinha trabalhos na cidade.

Tinham aparecido outros casamentos para Florzinha, mas esta os recusara, sem que os pais tentassem violentar-lhe a vontade. Alípio surgia agora como o ideal, como a personificação do noivo sonhado por ele, e a sua amizade íntima com o vigário, padrinho da menina, dava aos seus planos sérias probabilidades de êxito. Desta vez confiava que Florzinha encontraria o partido digno das suas graças e da educação que recebera no colégio da Imaculada Conceição, dirigido por irmãs francesas.⁷ Aquela assiduidade do rapaz em sua casa bem demonstrava que a coisa se encaminhava ao sabor dos seus ardentes desejos. E tacitamente toda a gente começou a considerar esse casamento como uma hipótese muito realizável.

Alípio justamente pensava em Florzinha enquanto se barbeava de frente de um pequeno espelho posto sobre a janela do oitão. Estava sozinho em casa, porque o vigário saíra em desobriga na tarde antecedente.

O quarto, que era o antigo gabinete do padre, tinha porta e janela para a rua e para o oitão, abrindo para uma área cercada pelo velho muro e onde um quase extinto jardim se fazia lembrar ainda por algumas espirradeiras grandes como árvores, por duas outras touceiras de açucenas rajadas e moitas de resedás que enchiam a casa com o seu aroma sugestivo de pensamentos gratos. A passada do vigário, posta pela Josefina na parede do oitão para apa-

⁷ Trata-se de uma instituição centenária e, como tal, está em outros romances cearenses, dentre esses, *As Três Marias*, de Rachel de Queiroz, em cujo internato decorre-lhe toda a ação.

uhar sol, grazinava jubilosamente, e a população do quintal cacarejava forte no terreiro. A manhã de sol rijo era refrescada por um ventinho inconstante, cujas esfuziadas violentas sacudiam com força as bandas das portas e faziam dançar as roupas no cabide.

Limpando a navalha num lenço dobrado, posto à borda da soleira, o bacharel monologava mentalmente:

— Tinha graça se eu fosse eurabichar-me por aquela matutinha! É chic o diabinho! Boa pele, lindos olhos, bons dentes e uma boca! Corpo delicioso! Um bocado de rei, caramba! E nada estúpida; com alguns meses de regime mundano dava uma mulherzinha muito apresentável. Acerca de dinheiro e de família, temos conversado. Excelente para encher os ócios de um exilado; mas quanto a casamento, livra! Fora a pieguice! Preciso de mulher que tenha chelpa e pai alcaide. Casamento de amor já não se usa. O idiota que cair ali terá que, mais dias menos dias, agüentar com o peso daquele exército de crianças de nomes arrevesados. Isso de casar com matutas é bom para o pobre do Gomes da Costa, que tem os pulmões tão fracos como o espírio. O pobre-diabo só fala em bois, veste calça branca com fraque preto e está perdendo as noções do alfabeto. E olhem que deixou um nome na Faculdade! Enfim, como a mulher é rica e ele tísico. . .

Alípio terminava a barbeação e curvava-se para banhar o rosto na bacia quando bateram à porta. Era um rapaz da terra, que o tio lhe havia apresentado, designando-o como o “nosso poeta Matias de Araújo” e acrescentando com um sorriso: — “poetas por poetas sejam lidos”.

Matias aguardava com impaciência a chegada do autor dos *Pingentes*, de quem conhecia produções esparsas, todas impregnadas de um casto e melancólico lirismo, embora sem elevação nem originalidade. Ninguém tomava a sério em Ipuçaba os talentos poéticos do Matias, “um mandrião que vivia a fazer versos de pés quebrados, enquanto a pobre mãe trabalhava noite e dia para sustentá-lo!” Censurava-se muito a professora entreter-se com ele até tarde na calçada, falando de romances e de poesias. A zombaria acompanhava-o como as moscas a um animal chagado, e ele via na amizade de Alípio um abrigo providencial.

Matias levava ali uma vida aborrecida e nula. Educado até aos quinze anos num colégio de Sobral, revelara aptidões literárias, tornando-se o órgão dos colegas nas festas escolares e escrevendo versos que primeiro andaram de mão em mão no estabelecimento e depois apareceram num pequeno jornal da cidade. Lá fora começou Matias a ser considerado “um talento”; mas de porta adentro a sua reputação era bem diferente, pois não fazia boa figura nas aulas, desleixado e preguiçoso por índole, e sempre preocupado com as suas “literatálices”, como dizia com facécia catedrática o professor de português, acrescentando:

— o senhor quer ser poeta sem saber latim nem gramática! Traduza-me, meça-me e analise-me este verso de Horácio, se é capaz!

A sua abstração e desídia inatas, não lhe permitiam nenhuma aplicação constante, e a sua educação se ia fazendo com grandes falhas — um acervo incoerente de noções apreendidas aqui e ali sem método, sem profundidade, sem critério.

Quanto ao caráter, tímido às vezes até à cobardia, outras vezes exaltado até à insolência, ora afetuoso, ora insultante e caindo sempre numa crise de arrependimento depois de qualquer excesso. Um fraco, em suma. A sua vida era uma teia sem ponto de apoio nem nos mestres, nem nos discípulos: qualquer vento a arrastava e rompia. Alguns rapazes lhe invejavam as habilidades literárias, mas esses é que o tratavam com a indiferença mais desdenhosa; os outros, ou o hostilizavam abertamente, ou o acolhiam com uma tolerância sem simpatia. Não sabia fazer amigos, e sentia que se acharia só no momento em que precisasse da dedicação de outrem.

Em casa faziam-se todos os sacrifícios para que ele não interrompesse os seus estudos. Seu pai, Fabrício de Araújo, era um sujeito impetuoso e desassisado, sempre em luta com a fortuna, hoje abastado, amanhã paupérrimo, mudando de profissão freqüentemente — primeiro guarda-livros, depois comerciante, empregado público, lavrador, oficial do corpo de polícia e por fim caixeiro de cobrança de algumas casas comerciais da Capital. Nesta qualidade percorria o interior da província, penetrando até o centro do Piauí e Pernambuco.

A mulher já se havia habituado a essas alternativas de bem-estar e miséria, e atribuía os reveses do marido — que admirava e estremecia — a essa fatalidade familiar e de costas largas — o caiporismo. Numa de suas excursões, Fabrício apanhou as terríveis maleitas do Piauí e só teve tempo de chegar à casa para morrer, “sem dever nada a diabo nenhum” — dissera antes de expirar, mas deixando a família sem dinheiro para fazer-lhe o enterro.

Matias, como filho mais velho, teve que abandonar os estudos e correr para o lado da mãe, a fim de auxiliá-la a prover a subsistência da prole — quatro meninas, uma quase moça, e dois meninos, sendo o último de peito. A viúva ficara apenas com um gadinho e uma casa na cidade, comprometida, aliás, numa velha e iníqua questão com João Ferreira, que não cessara de perseguir a Fabrício, por causa do agressivo desprezo com que este o tratara sempre.

No meio da derrocada doméstica, Matias sentiu-se aturdido e perfeitamente incapaz de uma iniciativa salvadora. A mãe, D. Joaniha, mulher perspicaz e ativíssima, compreendeu logo que não havia contar com o filho na luta contra a miséria, e, recusando tacitamente o seu concurso, começou a agir por si, apenas confiando

na vaga proteção emperrada de um cunhado, rico, mas que fora inimigo do marido.

D. Joanninha, demais, não desesperava de ver o filho prosseguir os estudos. Intimamente repelia com horror a idéia de vê-lo inutilizar-se em Ipuçaba: queria mandá-lo para a Capital, onde saberiam apreciar a sua inteligência, e por isso aceitou com resignação heróica a tarefa de manter sozinha os filhos.

Matias compreendeu a grandeza do sacrifício, mas não teve força para evitá-lo. E, perdido o primeiro impulso, foi-se deixando anular pouco a pouco, habituando-se, não sem momentos de desespero e remorso, à vida oca dos que se julgam desobrigados de trabalhar por não seguirem a carreira para a qual se julgam talhados.

Em Ipuçaba não se chegara definitivamente a grupo algum, e, considerado inútil, ninguém cogitou de aproveitá-lo.

Entretanto, o seu nome começava a aparecer nos jornais da Capital firmando versos que lhe valiam epítetos encomiásticos, aos quais correspondiam, em Ipuçaba, outros bem pouco amáveis, que mortificavam profundamente a ele e principalmente à sua mãe, cujo ódio de sobralense orgulhosa pelos “arrebenta-pelas” daquela “desgraçada terra” aumentava cada dia. E julgando o filho uma vítima da estupidez daqueles “matutos bestas”, e justificando a sua inércia tão malvista pelos estranhos, batia-se numa luta de todos os instantes para afugentar a miséria que lhe rondava o lar e não raro o invadia, sem resistência possível, por dias e dias passados a pão e café, no estóico silêncio da pobreza envergonhada.

Nesses momentos negros, Matias fugia de casa, não para arranjar recursos, mas para errar pelos matos, dominado por um doloroso vexame, ora agitando na mente vagas idéias de suicídio, ora acariciando perspectivas inverossímeis de prosperidade sobrevinda sem transição e sem lógica, como nos contos maravilhosos, e voltando sempre para casa com um soneto — peça em que não se traíam absolutamente as preocupações de seu espírito de fraco e de contemplativo. E ao voltar à casa, encontrava surpreendido a mesa posta, a panela ao fogão, enfim o estômago garantido por aquele dia, graças a mais um milagre da abnegada mãe.

Ele de nada valia nessas investidas da miséria, nem mesmo para emissário de um pedido; faltavam-lhe iniciativa e resolução para achar e levar a efeito um expediente qualquer, e nem sequer o ajudava a habilidade velhaca, que sabe engendrar recursos à custa da boa fé alheia. Apenas possuía a resignação, essa virtude dos cobardes, que o fazia encerrar-se em casa à falta de roupa ou privar-se até do cigarro barato com que se distraía nos seus momentos negros. Evitava transitar por certos lugares onde tinha pequenas dívidas que nunca podia pagar, e a falta de dinheiro tornava-o arredio das rodas

familiares e da convivência dos outros rapazes. Passava, malgrado seu, por esquisitão, quando a sua afetividade tanto ansiava por viver no meio de toda a gente, por sentir o aconchego terno da sociabilidade humana que se vedara.

A chegada do autor dos *Pingentes* lhe sorria, pois, como uma esperança de entretenimento intelectual que lhe enchesse as longas horas passadas a arquejar de tédio, num acabrunhamento esmagador de todo o seu ser.

— Olá, seu poeta, entre! — bradou familiarmente Alípio, chegando à porta do corredor, com a toalha aberta nas mãos e com o rosto molhado.

Matias fez-lhe um cumprimento acanhado e sentou-se a machucar o chapéu mole sobre os joelhos. Alípio ficara de pé a enxugar-se demoradamente.

— Que há de novo?

— Nada que eu saiba. Vinha buscar o livro que me prometeu.

— Está por aí... Devo ter uns dois ou três exemplares na mala; são os únicos que restam da edição. E você, quando tenciona publicar o seu?

— Eu?... Ora, nem penso nisso! Tenho poucos versos e versos de matuto; ainda que valessem alguma coisa, eu não tenho meios para imprimi-los.

— Ora, isso arranja-se sempre. E deixe-se de modéstias, porque ouvi falar muito bem dos seus versos na Fortaleza; aliás não conheço nada seu, porque no Recife nunca lia os jornais do Ceará.

— Oh! não vale a pena!

— Traga-me alguns assim mesmo.

— Bem, trarei. Não conheço o seu volume; apenas tenho lido produções esparsas.

— É um pecado de mocidade em que não pretendo reincidir.

— Não diga isso! Li boas críticas...

— É, não foi mal recebido e rendeu um cobrezinho para os charutos. Mas paguei o meu tributo, e o prurido passou; agora cá na prosa para sempre. Vê o que estou lendo? *O Manual do Promotor Público*.

— Não deve ser muito divertido...

— Ah! não é; mas, para amenizar a coisa, estou lendo as *Sensuais* de Rabelais. Conhece esta coleção?

— Não.

— Veja lá.

E o bacharel apresentou a Matias um volume em cuja capa havia uma descarada cena de bordel. Matias corou, Alípio sorriu.

— Trouxe isto como um breve contra o tédio. Este Rabelais falsificado não deixa de ter seu mérito no gênero. O diabo é que traz conseqüências de cura difícil nestas alturas... Isto me pa-

rece o reino da virtude; cada casa é um templo de Vesta, quando não é o gineceu de Lucrecia. Agora compreendo como os rapazes aqui se casam todos dos dezoito aos vinte anos. Você não gosta destas leituras?

— Não sei... não conheço... gaguejou Matias, desapontado.

— Se quiser pode levar estes já lidos, caso isso não repugne à sua pudicícia.

A conversa não pôde mais tomar o rumo da literatura, como desejara o Matias, assombrado do realismo impudente do meigo e delicado lirista dos *Pingentes*. Alípio acendera um cigarro, oferecera outro ao Matias, escanchou-se na cadeira e num meio tom malicioso de confiança:

— Ora, venha cá: você que conhece a terra e a psicologia particular desta sociedade, diga-me com franqueza uma coisa: que espécie de mulher é essa D. Bilinha, a professora?

Matias embatucou um instante, e retorquiu vexado:

— Sei apenas que é uma moça muito inteligente e amável... Algumas pessoas chamam-lhe de pedante por causa dos seus modos de praciona; mas acho que isso é natural nela. Às vezes vou lá à noite palestrar, e só tenho motivos para afirmar a correção do seu procedimento.

— Que panegírico! Com que calor você diz estas coisas! Então você a frequênta? Oh, amiguinho, tire o cavalo da chuva: você está apaixonado pela Bilinha...

— Eu?! Está enganado! Trato-a muito cerimoniosamente. Apenas falamos de literatura e coisas indiferentes; foi ela quem primeiro me deu notícia do seu livro e mostrou-me uma apreciação no *Libertador*⁸.

— Sim, ela me disse isto outro dia em casa do Chico Herculano. E também me falou dos seus versos, e com um entusiasmo que me fez desconfiar... Gosta muito de um soneto seu que se intitula... espere... não é *Coração errante*?

— É.

— Vamos lá, recite o soneto.

— Qual! não sei dizer versos, principalmente os meus.

Mas Alípio, afetando interesse, insistiu, ridicularizando o que chamava faceirice de moça matuta quando se quer fazer rogada. Matias teve que ceder e disse frouxamente os versos, matando-lhes todo o efeito.

— Bem bonitos, mas você disse-os mal, caramba. Esse peito que é “uma tenda perfumada e ardente” e há de ser a “céllica pousada” do coração errante... Não será mesmo o da Bilinha? não?...

⁸ Famoso jornal, defensor da eliminação, no Ceará do servilismo negro, órgão da “Sociedade Libertadora Cearense”.

— Absolutamente! É uma Ela de fantasia, sem personificação determinada. Demais, são anteriores à chegada *dela* aqui.

O poeta mentia. Fora após uma palestra mais íntima que de costume que escrevera o soneto e, com uma ousadiazinha pouco comum à sua índole, mostrara-o a Bilinha no dia seguinte.

— Quer que lhe fale positivamente? disse Alípio levantando-se e encarando Matias com ar impudico: a Bilinha não me parece mulher com quem se deva usar platonismo, apesar das suas lábias romanescas. Se você tivesse levado as coisas para o terreno verdadeiro, já teria se arranjado. E olhe que, nestas alturas, aquilo não é coisa que se mande para o bispo.

— Mas já lhe disse que não tenho nada com ela — replicou Matias um pouco irritado.

— Ah! não? Palavra de honra? Então tanto melhor, porque eu tenho cá uns projetozinhos a esse respeito.

— Eu lavo as mãos.

— Pois, meu caro Pilatos, vou ver se a crucifico nestes braços. E olhe, não vá zangar-se por isso. . .

— Você a dar! *Bonne chance*.

Bateram dez horas na sala de jantar, e a palestra prometia ir longe.

— Já dez! Vou-me embora.

— Qual, não vá! Almoce comigo, faça-me companhia.

— Não posso, obrigado; minha mãe espera-me.

Matias saiu com as orelhas em brasa, humilhado de ver sua ingenuidade satirizada pelo bacharel; talvez intimamente a professora risse também da sua timidez arisca de matuto. Agora começava a compreender por que o ridículo o perseguia tão obstinadamente. Parece que só ele com as suas tolices de sonhador pusilânime não sabia ver a vida como ela era realmente: — “Sou um bobo!” — exclamava. E, caminhando através da praça inundada de sol, verificou com sobressalto uma dorzinha de amor próprio ferido, uma como pontinha de ciúme. . . De ciúme? Talvez que não fosse bem isso. Ciúme por quê? Nunca havia falado a D. Bilinha (mesmo mentalmente dava-lhe *dona*) senão em coisas vagas, indiferentes. . . É verdade que aquele soneto. . . Podia bem ser aplicado à *outra*, mas era em Bilinha que pensava *mais* quando o compôs. . . E pensava diferentemente de como pensava na *outra*, nessa que ocupava o santuário de sua alma, ao abrigo de toda suspeita profana. . . pensava com uma excitação dos sentidos, sonhando inverossimilmente gozos positivos e violentos. Alípio devia ter razão; aquela mulher não inspirava senão sentimentos dessa natureza. E, com os requisitos que possuía, teria com certeza uma vitória fácil, que ele nunca tentara na sua timidez estúpida.

Matias suava frio quando passou pela porta do coletor. Florzinha, com uma toalha aberta sobre os ombros e soltos sobre eles os cabelos rorejantes do banho, estava na sala, a olhar absorta para a praça. Ele cortejou-a com um estremecimento e foi correspondido por um — bom-dia! — inexpressivo, acompanhado de uma ligeira inclinação de cabeça. O rapaz, mais perturbado ainda, estugou o passo, ansioso por chegar à casa.

E, ao defrontá-la, foi que se lembrou de lhe haver a mãe pedido para passar por certa casa e trazer-lhe uma quantia, importância de trabalhos de costura. — Que estava sem um vintém — dissera-lhe a mãe. E agora que havia de dizer? Não atinava com uma desculpa, mas avançava sempre, automaticamente. E foi com um imenso desafogo que lhe ouviu estas palavras:

— Então perdeste a viagem? O compadre passou por aqui e deu-me o dinheiro.

E entrou para o interior da casa, murmurando:

— Vou tirar o almoço, que já passa de dez.

Domingo.

Desde o amanhecer notava-se uma alteração nos hábitos tranqüilos da cidade. Nessas localidades sertanejas, o domingo é o dia de movimento comercial, de faina interesseira; o próprio matuto que vem à missa aproveita o ensejo para as suas transações de compra e venda, acomodando honestamente as obrigações religiosas com os seus interesses mundanaes.

Demais, o domingo proporciona aos moradores do interior o desejo de se encontrarem para discretear amistosamente sobre interesses recíprocos ou simplesmente alimentar relações de amizade, tão indispensáveis à sua existência moral que, à falta de preocupações inteligentes, se torna quase exclusivamente composta de sentimentos. Trá-los também a curiosidade de saber dos acontecimentos políticos, ler os jornais, que não assinam, a fim de levarem novidades a contar à família e aos agregados. Isolados uns dos outros por distâncias às vezes de léguas, convivendo apenas com sua prole e com os seus familiares, esses sertanejos acorrem ao domingo à localidade mais próxima, pela religião, pelo interesse e pela sociabilidade em partes iguais. Com essa combinação de circunstâncias ganha a igreja, ganha o comércio e ganha a solidariedade humana.

O povo miúdo, composto de pequenos lavradores e artífices, começou a entrar desde as seis da manhã, carregado de cereais, de frutas; de aves domésticas ou cantoras e de artefatos de suas toscas indústrias. Os que tinham seu cavalinho, modesta alimária empregada nos dias úteis em serviços rudes, só chegavam mais tarde. E por último fizeram sua entrada os lavradores e fazendeiros abastados, montando cavalos de luxo — nédios animais de sela, tratados com esmero, gordos de se “poder lavá-los com uma bochecha d’água”,

aprendidos em todas as marchas, quer na *estrada*,⁹ quer na meia marcha, quer por cima, na alta esquipação, em que desfilam vertiginosamente, de pescoço encapotado, a tocar com o beíço inferior no largo peito branco de espuma, as fartas crinas agitadas ao vento e a cauda longa e crespa desfraldada e soberba como um pavilhão triunfante.

O dia estava radioso. Chovera à noite, e o céu amanhecera fresco e limpidíssimo, com um brilho doce e úmido de cetim novo. Pouco depois o sol se velara sob uma larga barreira de cúmulos flocosos que se dilatavam em mirantes de prata pelo horizonte acima; mas depois um vento rijo varrerá tudo, e nem a mais ligeira nuvem pinclara o firmamento.

A ausência de poeira e a frescura do ar tornavam menos penoso o trajeto para a gente que vinha a pé, de quatro, cinco e mais léguas de distância. Já circulavam por todas as ruas cavaleiros que andavam a exhibir as habilidades de suas montarias, dando-lhes de rédea para que pisassem com toda a correção. Ao aproximarem-se do ponto em que queriam parar, aceleravam a marcha e, depois, com um forte puxão das rédeas, faziam o animal *riscar*, isto é, firmar-se nas patas dianteiras ao mesmo tempo que as traseiras resvalavam para a frente fazendo dois sulcos profundos na areia.

Na vizinhança da Feira é que mais se fazia notar a desusada animação daquele dia. Nas árvores alinhadas em frente às suas quatro faces de pequena casaria, estavam amarrados animais, cujos donos andavam pelas lojas a fazer compras, a bebericar e a dar língua com os conhecidos.

Toda a vida mercantil da cidade se concentrava naquele ponto. Dividido em *quartos* de duas e raramente de três portas de frente, esse quadrilátero de edificações encerrava uma vasta área em cujo centro se elevava um barracão onde se retalhava a carne. No espaço compreendido entre o barracão e as casas de comércio pompeava ao ar livre o bazar dos cereais, das frutas, dos mantimentos e dos produtos das indústrias populares. Tabuleiros de bananas, rumas de laranjas, cuias de frutas silvestres — mangabas, cajás, marias-pretas —, engenhocas de moer cana, cacuás de rapaduras, sacos de goma, de farinha e de feijão; chapéus, esteiras, vassouras, cordas, urus, abanos e outros artefatos de palha de carnaúba; pilões, cuias, urupemas e cestos; queijos e beijos, redes e rendas, — tudo se via ali numa profusão caprichosa, entre o vozear confuso e atordoante dos vendedores.

⁹ Andadura menos fatigante do burro ou do cavalo, segundo Tomé Cabral. *Dicionário de termos populares*. Fortaleza, 1972. J. A. Pereira da Silva não registrou no seu *Vocabulário pernambucano*.

Era grande a influência da Feira sobre a vida moral da cidade. Todas as questões públicas e privadas eram ali levantadas, discutidas e julgadas em última instância: aquilo era o instrumento temeroso da Opinião, temperado, como sempre, na forja infernal da maledicência. Na alpendrada comum que ligava o fundo dos *quartos*, ocorriam, à hora em que os balcões estavam às moscas, confabulações perigosas para a reputação do próximo. A Feira era uma espécie de imprensa falada, redigida livremente por todos os inquilinos dos *quartos* e colaborada por toda a população. Apesar da sua natureza verbal, os “ecos” da Feira não tinham menor curso do que se fossem impressos, chegando aos pontos mais remotos e às vezes monstruosamente adulterados, o que é uma vantagem incontestável para este gênero de divulgação. Mas deve-se confessar que esses ecos nem sempre eram caluniosos, e isto autorizava os mais bem intencionados a dar um crédito relativo ao que partia dali para fazer o giro das consciências até receber a solene denominação *de vox populi*.

Desde alguns dias, qualquer coisa de sensacional andava zunzundo nos corredores da Feira. De ouvido a ouvido, sussurravam-se palavras sibilinas e de uma para outra parte se trocavam em voz alta alusões enigmáticas, só penetráveis aos iniciados, que riam com delícia no antegoço de um escândalo provável, pábulo necessário à malevolência de tantos espíritos desocupados. Toda a população já pressentia aliás a aproximação da grande novidade, cuja natureza as imaginações exercitadas previam mais ou menos.

Alípio, com quase um mês de estada em Ipuçaba, combinara com Matias, agora seu companheiro de dia e hora, dar uma visita d’olhos pela Feira a fim de apreciar o espetáculo que ali se oferecia aos domingos. Às nove horas da manhã daquele dia, os dois rapazes apareceram ali e levaram longo tempo a contemplar em minúcia e em conjunto aquela quermesse sertaneja que para ambos — o Matias entrava pela primeira vez na Feira — tinha o encanto de uma coisa nova e extremamente pitoresca.

Alípio viu tudo, menos as dezenas de olhos curiosos que do fundo das lojas, como das ameias de uma praça forte, se assentavam sobre ele com uma malícia disfarçada, e se os viu, tomou-os como sinais de um alvoroço basbaque, grato à sua vaidade. Matias, porém, conhecia perfeitamente a psicologia da Feira, e começou a sentir-se logo desconcertado e desatento para aquelas coisas que tanto interessavam ao seu companheiro. O poeta ipuçabense devia mesmo àquela colmeia de vespas ferinas grande parte de suas contrariedades; dali partira uma alcunha ridícula que o expusera à risota pública. As alcunhas eram uma perigosa especialidade da Feira. Ninguém escapava a elas, e quase todas pegavam para sempre. O próprio Alípio, sem que o soubesse, já tinha a sua.

Nas freqüentes referências à sua pessoa, não se pronunciava mais o seu nome, substituído pelo de *frango suro* — alusão aos seus fraques curtos e justos ao corpo¹⁰.

Casimiro, que andava fazendo as compras de casa, juntou-se aos dois e explicou que aquilo estava em “estado de sítio”, isto é, o delegado dera ordem para desarmar quem entrasse trazendo facas ou cacetes. Alguns matutos, prevenidos, guardaram as armas nas lojas; outros, porém, não tinham sabido da medida policial e foram contrangidos a ficar sem as suas belas facas de cabo terçado, fabricadas no Crato — uma espécie de Toledo cearense — e sem os seus rijos cacetes de jucá e coração-de-negro. Daí, a desanimação que se notava naquele dia. Algumas praças do destacamento passeavam por ali com a impertinência peculiar aos mantenedores da ordem em nosso país. Alípio afinal saiu com os dois companheiros, não sem primeiro comprar uma grande porção de frutas, que mandou levar à professora, a cuja janela foi postar-se, depois em animada palestra.

Joca Neves, um aracatiense famoso como trocista, gritou logo para um vizinho:

— Olha o frango suro fazendo roda à porta do galinheiro!

A pilhéria fez sucesso e correu como um relâmpago os quatro ângulos da Feira. Por associação de idéias e por causa da sua palidez, a professora foi imediatamente chamada de franga amarela.

E com isso rompeu-se o mistério do namoro de Alípio com Birlinha. As visitas assíduas que aquele lhe fazia, a célebre valsa da casa do Chico Herculano, as cortesias e sorrisos mútuos, tudo levou os maliciosos à conclusão de que os dois se gostavam. E outros fatos não menos interessantes se prendiam a esse, trazendo complicações emocionantes: sabia-se que o coletor trabalhava a tudo e a mais para fazer do promotor seu genro e que o Chico Herculano estava mostrando-se generoso demais para com a professora, a quem fornecera casa mobiliada, dava presentes e adiantava dinheiro quando a coletoria estava em apuros.

— Vai sair cinza, rapaziada — gritou Joca Neves no meio de um grupo, com uma voz gutural que todos achavam muito engraçada.

Quando Alípio se despediu e tomou o rumo da casa de Asclepades, choveram novos comentários: agora ia consolar a outra, que era para chegar para todas.

A perspectiva de um escândalo, no meio da insipidez que reinava desde algum tempo, era como um prenúncio de chuva para um formigueiro: as imaginações assanhavam-se, criavam asas e levavam a toda a cidade o alarma do fenômeno esperado.

¹⁰ Frango *suro* (ou galinha) é a ave que nasce sem as penas na cauda.

O Joca Neves expunha numa roda de colegas:

— Vai sair à cena uma comédia impagável: o Dr. Alípio namora duas damas que vocês conhecem, tendo como rival, com relação a uma delas, o respeitável pai de família coronel Chico Herculano, o qual, por ser o mais sisudo, terá o papel mais ridículo. Intrigas, ciumadas, sarilho grosso. O galã dá o coração a uma, o resto à outra, e por fim engana a ambas. Derrotado pelo bonifrate, o chefe ilustre demite a ele e à professora; chora abraçado com o coletor cada um o seu fiasco, e rompem ambos com o padre Balbino, que não casará ninguém, mas talvez tenha que batizar algum enjeitadinho...

CAPÍTULO IV

NA EXPOSIÇÃO deste entrecho Joca Neves agrupava todas as hipóteses ocorrentes à imaginação da sociedade ipuçabense, que tinha na Feira os seus mais inteligentes representantes.

O figurantes nada sabiam ainda da ansiedade pública a respeito dos seus atos e sentimentos, abstraindo-se de pensar que ao redor deles havia a curiosidade humana a espioná-los, a julgá-los, a divertir-se à sua custa.

Alípio, o herói da peça, ia naquele momento em rumo da casa de Asclepiades, numa magnífica disposição de espírito. Depois de receber em plena carne os olhares capitosos de Bilinha, desejava agora mergulhar o coração no banho de inocência dos olhares pudicos de Florzinha, que devia estar linda naquele momento, com os seus modestos atavios de ir à missa.

Matias empacara ao dobrar uma esquina.

— Bom, aqui o deixo.

— Ora essa! — protestou Alípio. Vamos à casa do Asclepiades e de lá o acompanharemos à missa. Depois você almoça comigo.

— Não, queira desculpar-me; tenho de acompanhar minha mãe à igreja.

Matias tinha já suspeitas de que o bacharel fazia também a corte à Florzinha, mas temia verificar que não se enganava. Com que direito tremia por esse afeto recôndito, sem esperanças, que talvez nem ela adivinhara ainda? Nem lhe consentia o amor próprio que, mesmo sob a égide de Alípio, aparecesse em casa do Asclepiades no seu velho traje maltalhado, quando o bacharel, apuradamente vestido, ia pelo caminho — bem o notava — atraindo os olhares de todas as mulheres. Uma mulher do povo interpretara o sentimento do sexo, exclamando:

— “Ai que moço lindo, benza-o Deus!”